

# Expressão da Tristeza em Camada Popular Urbana de Salvador, Bahia, Brasil<sup>1</sup>

*The Expression of Sadness in a Working Class Bairro in Salvador, Bahia, Brazil*

Lívia Alessandra F. da Costa<sup>2</sup>

Antonio Marcos Pereira<sup>2</sup>

COSTA, L. A. F & PEREIRA, A. M. *The Expression of Sadness in a Working Class Bairro in Salvador, Bahia, Brazil*. *Cad. Saúde Públ.*, Rio de Janeiro, 11 (3): 448-455, Jul/Sep, 1995.

*This paper examines the peculiarities of the expression of emotion in a poor neighborhood from Northeastern Brazil, the bairro of Nordeste de Amaralina, in Salvador, Bahia. Focusing on the expression of sadness, we built a scheme in which to understand how the informants perceive, identify, and deal with this emotion in the course of their daily lives. We attempted to reach an understanding of the ways people in the bairro interpret sadness. In order to accomplish this goal, we built a semantic network which revealed three main clusters of emotional expression: the inner set, the bodily set, and the interactional set. We came to realize the various superpositions between the universe of emotional expression and the local concept of person.*

**Key words:** *Experience; Meaning; Emotion; Sadness*

## INTRODUÇÃO

Tradicionalmente domínio quase que exclusivo dos psicólogos, apenas recentemente o tema das emoções passou a merecer maior atenção entre os cientistas sociais (Shweder & Levine, 1984; White & Kirkpatrick, 1985; Duarte, 1986). Afastando-se dos conceitos que repousavam na idéia de emoção enquanto fenômeno eminentemente físico-biológico, estudos mais recentes propõem que a emoção não é algo menos cultural nem mais privado do que, por exemplo, as crenças. Esta idéia é comungada pelos autores

que argumentam que emoção é tomada como significativa pela existência de um contexto interpretativo. Emoção é, sobretudo, cognição; interpretação sempre culturalmente informada, em que temos um ator cujo corpo, o "self" e a identidade são domínios imediatamente envolvidos. Os atores negociam afetos assim como qualquer outro aspecto de suas vidas. Assim, alegria ou tristeza são reconhecidas enquanto tais de acordo com um contexto específico. Em outras palavras, as emoções não são reconhecidas apenas por sua sensação (*feeling*), mas através de seu contexto. Esta posição compreende que emoções não são incontroláveis, pois existe um controle de sensações (*feeling rule*) que determina quando esta será apresentada. A manifestação da emoção é, sobretudo, uma transação simbólica. Podemos dizer, então, que diferentes contextos sócio-culturais têm controles de sensações diferenciados, como têm diferentes ocupações, crenças, períodos históricos (Fine, 1988).

O debate está longe de se esgotar. Tais considerações têm sido contestadas por aqueles que sugerem que emoções possuem particula-

<sup>1</sup> A presente discussão é resultado de dois principais projetos de pesquisa: "Social and Cultural Landmarks for Community Mental Health in Bahia, Brazil" coordenado pelo Dr. Naomar de Almeida Filho; Dr. Carlos Alberto Caroso; Dr. Paulo César Alves e Dra. Míriam Cristina Rabelo, com a colaboração do Douglas Hospital e financiamento do IDRC Canadá; "A lógica do Itinerário Terapêutico" coordenado pelo Dr. Paulo César Alves, com o apoio do CNPq e a Organização Panamericana de Saúde.

<sup>2</sup> Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Estrada de São Lázaro, s/n, Salvador, BA, 40210-730, Brasil.

ridades psicológicas reais. A busca pela identificação de uma emoção tem lugar em pressupostos implícitos e explícitos das teorias sobre as emoções veiculadas pela Psiquiatria e Psicologia Ocidentais. Na verdade, essas teorias tomam como pressuposto básico, dentre outros, que as profundezas da consciência constituem a essência da realidade do indivíduo. O problema, em suma, reside na questão de como se utilizar conceitos Ocidentais para reconhecer e alcançar as distinções entre as emoções existentes em contextos diversos. Algumas culturas fazem referência a sua vida emocional enfatizando o coração, o fígado, o intestino. O coração pode ser concebido como o centro do ser e o sangue como o sopro da vida. A tristeza, por sua vez, está relacionada às batidas do coração. Entre os Amhara, da Etiópia (Young, 1986), o coração é hipersemantizado, tomado enquanto uma referência constante no discurso sobre a emoção. O coração é a fonte explicativa de doenças e estados emocionais indesejáveis; pulsa a vida para os demais órgãos, além de constituir-se no centro do intelecto. Qualquer distúrbio aí instalado pode conduzir à confusão mental. Neste caso, notamos que as emoções não são tomadas como um domínio estanque, desvinculado da vida do pensamento. A idéia é, então, não tomar emoção e pensamento como categorias em oposição *a priori*. Ao invés disso, tomamos emoções como pensamentos incorporados, ou seja, parte de um processo cognitivo inerente a toda vida mental e, portanto, mediado pela cultura (Rosaldo, 1984).

Segundo Levy (1984), ao fazermos uma revisão do tema na literatura, encontramos uma variedade de perspectivas, muitas vezes contrastantes e até mesmo opostas. Apesar disto, evidencia-se que, até bem recentemente, o tema não tem sido uma preocupação central entre os cientistas sociais. Assim, olhando para trás, temos em um pólo as posições mais biologizantes, que enfatizam o aspecto fisiológico/orgânico da expressão das emoções e, portanto, seu caráter eminentemente universal; noutro, assunções mais culturalistas, que tomam a cultura como tendo um papel fundamental na própria gênese de um conjunto de representações emocionais. Há, evidentemente, uma tensão entre os universalistas e os relativistas (Lutz & White, 1986).

Entretanto, tais perspectivas interpenetram-se em vários níveis, compondo um vasto gradiente de um extremo a outro da questão, que passa pela possibilidade de tomar-se a emoção como um campo cognitivo – nem mais, nem menos importante que o domínio do pensamento (Shweder & LeVine, 1984).

Ao falarmos em campo cognitivo intentamos dar conta de um domínio no qual estão implicadas caracterização e explicação. Todavia, ao salientarmos caracterização e explicação não pretendemos nos remeter a universais, ou desventurar a partir dos dados empíricos de nossa investigação elementos que apontem para similaridades nucleares com relação à expressão e significação do mesmo problema em outras culturas ou grupos sociais. Ao contrário, é nosso interesse ressaltar a especificidade desse campo cognitivo, tomando tanto as caracterizações dos informantes quanto suas atribuições de causalidade e estipulações de significado enquanto emuladas pelas particularidades sócio culturais do contexto analisado.

## TRISTEZA, CONTEXTO E SIGNIFICADO

Neste trabalho buscamos compreender o significado cultural de uma categoria emocional específica, a “depressão”, apegando-nos às interpretações desta emoção dadas em um contexto social concreto. Com este propósito, deslocamos nosso *locus* de observação do comportamento individual (isto é, a dimensão estritamente psicológica) para os processos iterativos utilizados pelos sujeitos para construir significados na vida cotidiana. Assumimos que a emoção revela-se em símbolos, construídos e negociados publicamente e, nesse sentido, deixa de ser exclusivamente concernente a uma esfera privada, individual (Geertz, 1984; Levy, 1984; White & Kirkpatrick, 1985; Fine, 1988).

A pesquisa envolveu a coleta de narrativas sobre casos concretos de doença mental identificados por habitantes locais a partir de uma lista de 12 comportamentos problemáticos. A lista foi baseada em 10 categorias comportamentais propostas pelo psiquiatra canadense H. B. M. Murphy cobrindo o espectro de comportamentos problemáticos tomados como universais e, ao mesmo tempo, potencialmente relevantes para a psicopatologia. Dentre estes temos o registro

**depressão**, cujo conteúdo é “*que vive chateado, que a vida não presta, que é um fracasso, é negativo, acha sempre defeito nos antigos, isolado, mal-amado, fica sem ânimo, não come, o olhar fica sem brilho, fica angustiado, perde a vontade de viver*”. Na primeira fase da investigação estes registros foram adaptados ao idioma local dos moradores do bairro. Posteriormente, alguns informantes-chave identificaram pessoas que apresentavam tais comportamentos e relataram suas histórias. O desenho metodológico foi desenvolvido pelos Drs. Ellen Corin & Gilles Bibeau (Universidade McGill/Universidade de Montreal). Tal metodologia tem sido utilizada em uma pesquisa comparativa internacional envolvendo, além do Brasil, grupos de investigadores do Peru, Índia, Mali e Costa do Marfim.

Estabelecida talvez de forma mais eloqüente nos trabalhos de Geertz (1978, 1984), está a proposição de que o significado é um fato público e que a vida pessoal toma forma em termos culturais. Além disso, os sujeitos estão necessária e continuamente envolvidos no processo de apreensão, interpretação e transformação dos modelos simbólicos criados socialmente. É, portanto, através das narrativas dos sujeitos que reconstruam situações cotidianas de lide com a depressão e com os deprimidos, que podemos flagrar em exercício o aparato cultural sobre a experiência social e afetiva. Assim, essas narrativas são resultantes de

*“processos interativos e comunicativos através dos quais os indivíduos constroem uma rede de significados para as suas experiências aflitivas (...) Nesse aspecto, as estruturas cognitivas devem ser criticamente analisadas enquanto resultado de condições sociais da produção do conhecimento”* (Alves, 1994: 98)

Que signos caracterizam uma certa emoção? Como interpretações e reações evidenciam-se no discurso sobre a emoção no interior de um grupo específico? Geertz (1978, 1984) nota que não é necessário buscar na privacidade individual a compreensão das crenças a símbolos de uma cultura. Segundo ele, seus significados podem ser encontrados na praça do mercado, por exem-

plo. Ampliando o escopo desta premissa, o mesmo pode ser dito a respeito das emoções. Significados partilhados socialmente dão conta, em grande medida, das implicações das emoções para os sujeitos. Ao mesmo tempo, estas emoções são, em parte, uma construção social da situação na qual os sujeitos estão envolvidos.

Outra sugestão de Geertz, cujas implicações também nos interessa explorar aqui, diz respeito à sua insistência em que a **noção de pessoa** de uma cultura consiste em um excelente veículo para proceder-se uma aproximação das categorias nativas de pensamento – as interpretações que ele chama, apropriando-se da terminologia cunhada por Kohut (*apud* Geertz, 1984), de “*experience-near concepts*” (conceitos próximos da experiência). Um “*experience-near concept*” é um conceito utilizado naturalmente e sem esforço para definir o que o sujeito percebe, sente ou pensa, e que pode ser compreendido prontamente por outros envolvidos no mesmo contexto: um conceito no qual as idéias e as realidades que estas mesmas idéias informam estão natural e indissolúvelmente ligadas.

As abordagens sócio-antropológicas parecem insistir, então, na tentativa de compreender como os indivíduos entendem a si mesmos e como vêem suas ações e comportamentos sendo, de alguma maneira, as criações dessas compreensões de si mesmos. Há a sugestão de que devemos apreciar como tais compreensões crescem, não de uma essência interior – relativamente independente do mundo social –, mas de uma experiência de significados, imagens e laços sociais em que todas as pessoas estão inevitavelmente envolvidas.

Elaborando mais especificamente dentro desta perspectiva, Levy (1984) propõe que questões empíricas referentes ao domínio da emoção são melhor tratadas quando se parte de etnografias centradas na pessoa. Assim, poderíamos perceber quais emoções são **hipercognizadas** e quais são **hipocognizadas** – definindo, dessa forma, emoções que receberam uma maior ou menor elaboração naquela cultura. Referindo-se ao seu trabalho no Taiti, Levy diz que

*“Várias formas de raiva, por exemplo, são nomeadas; há palavras específicas para irritabilidade, para ira, para um sentimento*

*'ordinário' de raiva. Há muita doutrina a respeito do que fomenta a raiva nas relações pessoais, como a raiva age no indivíduo, e como se deve avaliar a raiva. A raiva é, com relação a outras emoções, hipercognizada, isto é, há um vasto número de esquemas fornecidos pela cultura para interpretar e lidar com a raiva"*

(Levy, 1984: 218, tradução dos autores)

Notamos que se, por um lado, sociedades como a ocidental moderna estão definidas a partir de uma ênfase maior na "interioridade" individual, há outras em que são ressaltados os aspectos coletivos do indivíduo, que é tomado como o nexos parcial de processos mais amplos. Esta ênfase dada, ora na "interioridade", ora nos aspectos mais coletivos nos aponta para a questão primordial da discussão: como conceber e trabalhar a emoção do ponto de vista antropológico? Ou ainda: qual a contribuição que a antropologia pode oferecer no que diz respeito às abordagens tradicionais do tema? Percebendo que emoções não são coisas, mas processos que são compreendidos com referência a cenários culturais e às associações que esses cenários evocam, os recursos interpretativos atualmente utilizados pelas Ciências Sociais para lidar com esta questão são aqueles que partem, sobretudo, da ênfase no conceito nativo de emoção. Há o argumento de que a chave para dar conta de tal problemática é o desenvolvimento de um conceito rico de cultura; interpretativista, que possibilite mudanças na maneira através da qual pensamos a emoção. Podemos identificar, na verdade, que toda a discussão gira em torno de questões teóricas mais gerais: as oposições entre o variável e o universal; o relativo culturalmente e o relativo biologicamente etc. O problema reside, ainda, na distinção, peculiar ao universo ocidental, feita entre pensamento e sentimento, concebidos enquanto coisas de naturezas diversas. O pensamento é padronizado pela cultura e mesclado com os sentimentos. Sugere que da mesma forma que o pensamento não existe isoladamente, a vida emotiva é culturalmente ordenada e não existe isolada do pensamento (Rosaldo, 1984).

## CENÁRIO, ATORES E DISCURSOS

O ponto de partida de nossa análise é, após uma breve descrição etnográfica, empreender um levantamento dos termos utilizados por nossos informantes para referir-se ao domínio específico da experiência que estamos investigando (Good & Good, 1977). O contexto estudado é um bairro de camada popular de Salvador, Bahia, Nordeste de Amaralina (pesquisa similar tem sido desenvolvida em outro bairro de camada média/média alta de Salvador, a Pituba, para possibilitar uma análise comparativa; os resultados da pesquisa na Pituba estão ainda em processo de análise). O nordeste de Amaralina é um bairro que possui aproximadamente 80.000 habitantes residindo em pouco mais de 14.000 casas residenciais. Uma alta percentagem de seus moradores, cerca de 60%, é constituída por migrantes rurais. Esse bairro está dividido em três regiões: Vale das Pedrinhas, Santa Cruz e Nordeste de Amaralina propriamente dito. A pesquisa esteve concentrada basicamente nesta última região, que foi ocupada nos fins da década de 1940. O processo que intensificou a ocupação do Nordeste de Amaralina foi estimulado pelo grande fluxo migratório de pessoas da zona rural. Antes disso, o bairro foi moradia dos ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial.

Observar as peculiaridades da vida cotidiana das áreas de pesquisa é uma das chaves para compreender o universo de relações locais. Além disso, permite apreender como e o porquê se dão determinadas interações. A partir desta construção, baseada no discurso dos informantes, acreditamos poder avaliar com maior cuidado a complexidade da rede de fatores intervenientes no processo da construção social da emoção. A partir daí foi possível construir um pano de fundo de onde emergiram as experiências da "depressão", em toda sua riqueza lexical e semântica.

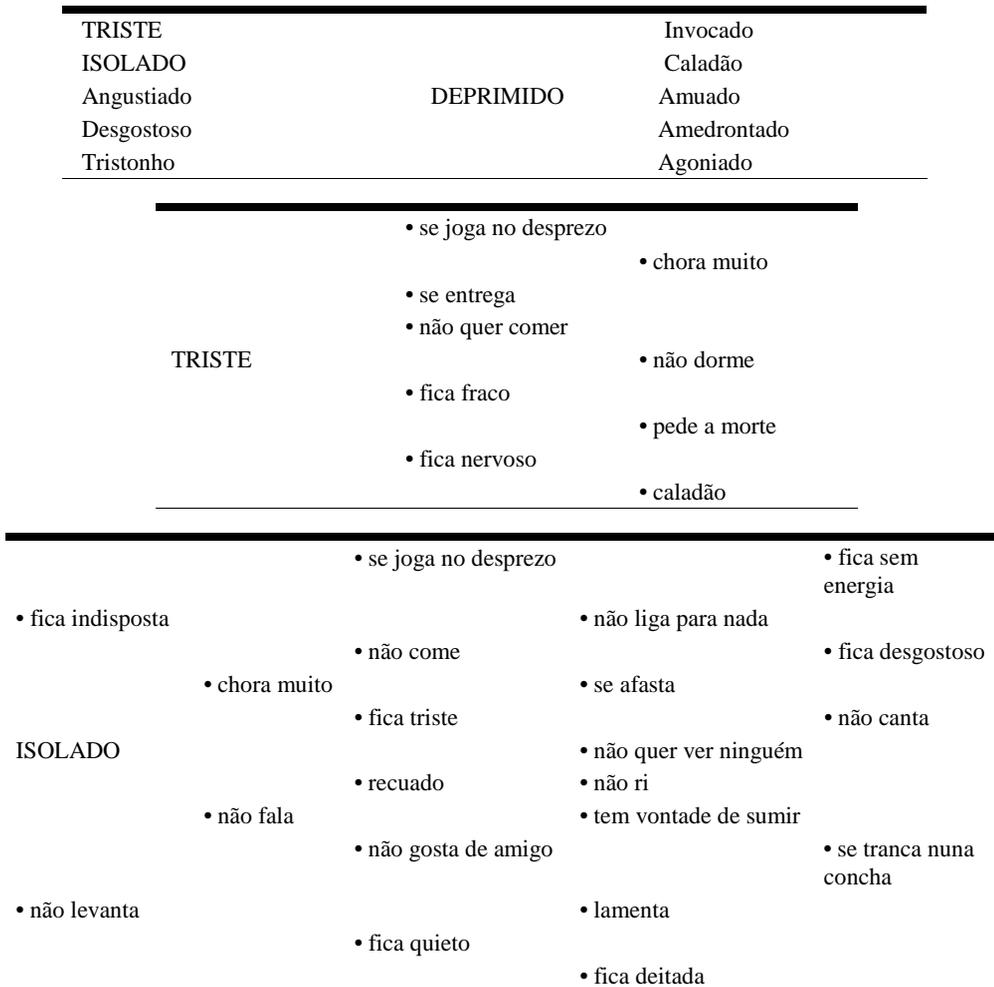
O Nordeste de Amaralina é um típico bairro de camada popular urbana: barracos pequenos, na maioria possui apenas um cômodo que abriga, às vezes, até vinte pessoas, insuficiência na rede elétrica e rede de abastecimento de esgoto e água, carência de equipamentos urbanos. Existem algumas escolas particulares, poucos ginásios, creches e postos de saúde.

Quando há problemas de saúde, a população atua diretamente, atendendo, como pode, às suas próprias demandas. Quanto às instituições, há igrejas e templos de várias religiões, clubes e associações de bairro; os espaços públicos não estão devidamente planejados. Estas constituem as maiores queixas dos habitantes locais. Somam-se a estes problemas, outros como carência generalizada de recursos econômicos, fome que já fazem parte da história do Nordeste de Amaralina e de cada um de seus habitantes. Como não existe uma oferta regular de emprego e mão-de-obra especializada, o subemprego caracteriza-se como uma alternativa mais imediata. Os homens empregam-se geralmente como porteiros de prédios nos bairros de classe média alta próximos do Nordeste de Amaralina. As

mulheres, quando não dedicadas às atividades do lar, são comumente vendedoras de acarajé, lavadeiras ou empregadas domésticas. O trabalho das crianças complementa a renda familiar. No bairro há um alto índice de violência e comércio de drogas, principalmente maconha. As redes de relação de vizinhança são bastante fortes e o espaço da rua é muito ocupado, devido ao reduzido tamanho das habitações e as formas de sociabilidade relacionais e locais, tornando-se, assim, uma extensão da casa. Há constantemente a participação dos vizinhos nas decisões familiares, quer seja de busca de tratamento para eventos de doença, quer seja na preparação de eventos comemorativos.

Deste contexto extraímos uma rede de significados associados à “depressão” (Figura 1).

**FIGURA 1.** Depressão: Rede Semântica



As descrições de “depressão” repousam basicamente em torno de dois signos dominantes que caracterizam o problema: **tristeza** e **isolamento**. Em outras palavras, quando se referiam a casos identificados por eles como se enquadrando naquele registro comportamental “depressão”, os informantes constantemente representavam o problema fornecendo informações sobre tristeza e isolamento, como é dado ver no quadro acima. Ao mesmo tempo, tristeza e isolamento se apresentam como comportamentos principalmente relacionados com um estado que é descrito por **“jogar-se no desprezo”**. Tal estado se caracteriza por uma atitude de total negligência com relação a si mesmo, particularmente no que respeita a interação com outros.

Embora, representem respostas culturalmente codificadas para certas situações, há uma indicação de que determinadas caracterizações da emoção não compartilham de um *status* de causas legítimas para tal comportamento, isto é, elas não exigem aqueles que as experimentam da responsabilidade pessoal sobre uma possível perda de controle. Em uma reconstrução de caso de “depressão”, por exemplo, colhemos a história de um indivíduo que em resposta a uma paixão não correspondida não se importava mais em demonstrar uma impressão positiva aos outros - “se joga no desprezo”, “não liga pra nada”, “é desleixado”; diz o informante:

*“agora ele tá sem energia, ele hoje tá sem energia... é um homem mais velho do que eu quatro ou cinco anos, mas tá sem energia (...) a outra criatura <esposa> vendeu a casa e foi embora com tudo, deixou ele à toa; daí pra cá se desleixou, se jogou. Ele pode sair disso, eu até já arrumei uma namorada pra ele; ele é moço”*. (Aposentado, 60 anos)

Evidencia-se, assim, que aquele que “se joga no desprezo” é tomado como responsável por sua condição. Em um outro caso, uma mãe começou a mostrar alterações de comportamento, se esquivando das demais pessoas da família, depois de experimentar ciúme com respeito ao casamento de seu filho:

*“(...) aí minha cunhada foi pra maternidade, quando voltou mãe queria pegar o menino*

*é ela não deixou, ela não deixou, nisso aí mãe ficou nervosa, ficou com trauma, aí pronto. A gente pensava que era ciúmes (...) que ela aceitou, mas ao mesmo tempo não aceitou o casamento, porque era o filho único dela, filho único (...) tem nove anos que mãe começou a ficar doente, um ano depois que meu irmão casou (...) Foi depois que nasceu o menino que, primeiro neto, né? Ficou desse jeito, chorava, ouvia vozes, né, que tava triste”* (Doméstica, 25 anos)

Nota-se que, diferentemente do outro fragmento citado, a mãe, “triste” devido ao ciúme experimentado é parcialmente desculpada por seu comportamento depressivo. A razão para essa diferença pode estar na relação particular que existe entre os papéis ou identidades ligados às pessoas que as experimentam. Aqui, estão em jogo visões dominantes do grupo em relação à representação de certos papéis e como estes devem ser conduzidos.

Existe um grupo de definições dadas e estas subcategorias – tristeza e isolamento – que se caracteriza por sua explícita ressonância na esfera física/corporal (Figura 2): “não come”, “não ri”, “fica sem energia”, “fica fraco”, “fica nervoso”. Outras definições apontam para uma dimensão interior, alojando a tristeza e o isolamento em um espaço íntimo, individual: “angustiado”, “agoniado”, “desgostoso”, “invocado”, “caladão”, “amuado”. Outras definições podem ser agrupadas, como aquelas que se referem à vontade individual como sendo a geratriz dos comportamentos associados a estas emoções: “se tranca”, “fica triste”, “fica quieto”, “pede a morte”, “não levanta”, “fica indisposto”.

Um importante ponto parece revelar uma idéia que subjaz a todas as definições/descrições do comportamento “depressivo” neste contexto: o aspecto **interativo** é recorrentemente referido no discurso da emoção. Isto é, os signos dominantes fornecidos ressaltam a depressão como pondo em jogo uma interação tomada como a adequada para lidar bem com as situações cotidianas. Quando inquirida a respeito do comportamento depressivo da filha, por exemplo, uma informante não hesita em acentuar o incômodo que lhe causava ter dentro de casa um pessoa que:

**FIGURA 2.** Depressão: Três Dimensões Expressivas

DEPRESSÃO			
Aspectos Interativos			Aspectos Físico/Corporais
TRISTEZA	não gosta de amigo	não fala	chora muito
	não quer ver ninguém	se afasta	
	não ri	se tranca numa concha	
&	<b>Dimensão Interior</b>		não come
ISOLAMENTO	desgostoso	recuado	não dorme
	angustiado	amuado	
	tristonho	não canta	
	indisposto		

*“às vezes deitava ou sentava aí que não dava uma palavra. Parecia que não tinha ninguém em casa. Levava o dia todo sem dar uma palavra com ninguém (...) parecia que eu tava sozinha”*  
(Dona de casa, 45 anos – Nordeste de Amaralina)

Esta ênfase no processo de interação social é melhor percebida quando visualizamos as descrições comportamentais que remontam a uma normalidade anterior. Ao lado dos signos identificados como característicos do comportamento depressivo estão sempre identificados outros que ressaltam um ideal de pessoa como sendo aquele que convive bem com os demais indivíduos – principalmente os vizinhos e amigos do bairro – e tem uma vida social ativa:

*“Era festa, era ilha, certo? Ela ia comigo e tudo. Mas depois que surgiu esse problema, pronto, ela se isolou, deixou de ir, até excluiu suas amizades toda, ficou de mal com todos os seus amigos, certo? se separou de todo mundo. Se isolou (...) deixou de cumprimentar as pessoas, as pessoas falava ela não respondia, como se tivesse se fechado numa concha, aí pronto, aí ninguém se aproximava (...) ela antes era uma pessoa normal, como eu, como você. Gostava de sair, brincar (...) a gente tinha vezes que a gente fazia festinha aí*

*em baixo, na casa de um amigo, ela namorava normal, nunca fez nada assim de anormal, sempre foi assim alegre”*  
(Dona de casa, 28 anos – Nordeste de Amaralina)

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de propormos uma categorização para o conjunto de diversos significados e definições para a “depressão” no Nordeste de Amaralina, emerge do tratamento com os dados a constatação de que essa rede semântica compõe uma totalidade fluida e pervasiva. Também podemos notar como certas categorias são “hipersementizadas”, ricas em definições, como por exemplo **tristeza** e **isolamento**. Apesar de se multirramificarem em definições, todas as subcategorias que partem destas categorias maiores remetem ao campo mais vasto das interações sociais que é onde, de fato, a emoção é construída enquanto significado. Neste sentido, vale observar o quão importante são as interações locais e suas relações estreitas com o significado atribuído a estados emocionais específicos.

Evidencia-se, portanto, como o processo de construção social de um quadro de referências para a identificação e interpretação da “depressão” passa pela forma como é construída a noção de pessoa no interior deste grupo e, por exten-

são, pelo conjunto de disposições emocionais que caracterizam o comportamento local. A “pessoa ideal”, ou melhor dizendo, a personalidade vista como “normal”, que se revela através das narrativas é aquele que é bem-humorado, fácil de lidar, comunicativo, enfim, o sujeito que não estabelece impedimentos a sua interação com outrem. Por um lado, o levantamento das interpretações sobre a emoção nos permite fazer inferências sobre o modelo de pessoa local. Por outro, remissões a este mesmo modelo – tal como ocorre quando os informantes constroem um quadro de normalidade em contraste com a expressão da depressão – são importantes auxiliares para que percebamos de que formas a definição de pessoa dada pelo contexto é pervasiva e se manifesta claramente em relatos sobre o universo da expressão emocional. As emoções mostram-se plasmadas em tais relatos de forma a traír muito mais que modelos racionais de apreensão do mundo. Mais que isso, revelam em seu bojo o muito que o discurso não comporta, mas ao qual sempre se reporta - os meios não-verbais de expressão e os formatos relacionais específicos de cada cultura.

## AGRADECIMENTOS

Aos Drs. Paulo César Alves e Miriam Rabelo por sua inestimável contribuição. Agradecemos também ao Dr. Roberto Albergaria.

## RESUMO

COSTA, L. A. F & PEREIRA, A. M. **Expressão da Tristeza em Camada Popular Urbana de Salvador, Bahia, Brasil.** Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 11 (3): 448-455, jul/set, 1995.

Este artigo examina as peculiaridades da expressão da emoção em um bairro popular de Salvador, Bahia, o Nordeste de Amaralina. Focalizando nossa exploração na expressão da tristeza, tentamos construir um esquema que possibilite a compreensão de como os informantes percebem, identificam e lidam com esta emoção no curso de suas vidas cotidianas. Perseguindo este objetivo, construímos uma rede semântica que revela a existência de três agrupamentos principais de expressão emocional: um grupo “interior”, um “corporal”

e outro “interativo”. Observamos também as superposições entre o universo da expressão emocional e o conceito de pessoa local.

**Palavras-Chave:** Experiência; Significado; Tristeza

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, P. C., 1994. O discurso sobre a enfermidade mental. In: *Saúde e Doença: Um Olhar Antropológico* (P. C. Alves & M. C. S. Minayo, orgs.), pp. 91-100, Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- COSTA, L. A. F., 1993. A construção sociocultural dos signos e significados do comportamento depressivo. Mimeo.
- DUARTE, L. F., 1986. *Da Vida Nervosa nas Classes Trabalhadoras*. Rio de Janeiro: Zahar.
- FINE, G. A., 1988. Symbolic interactionism in the post-blumerian age. In: *Frontiers of Social Theory – The New Synthesis* (G. Ritzer, ed.), New York: University of Columbia Press.
- GEERTZ, C., 1984. From the native’s point of view – on the nature of anthropological understanding. In: *Culture Theory – Essays on Mind, Self, and Emotion* (R. A. Shweder & R. A. Levine, eds.), pp. 123-136, Cambrige: Cambridge University Press.
- \_\_\_\_\_, 1978. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- GOOD, M-J & GOOD, B. J., 1977. The heart of what’s the matter: the semantics of illness in Iran. *Culture, Medicine and Psychiatry*, 1: 25-58.
- LEVY, R. I., 1984. Emotion, knowing, and culture. In: *Culture Theory – Essays on Mind, Self, and Emotion* (R. A. Shweder & R. A. Levine, eds.), pp. 214-237, Cambridge: Cambridge University Press.
- ROSALDO, M. Z., 1984. Toward an anthropology of self and feeling. In: *Culture Theory – Essays on Mind, Self, and Emotion* (R. A. Shweder & R. A. Levine, eds.), pp. 137-157, Cambridge: Cambridge University Press.
- SHWEDER, R. A. & LEVINE, R. A., 1984. *Culture Theory – Essays on Mind, Self, and Emotion*. Cambridge: Cambridge University Press.
- WHITE, G. M. & KIRKPATRICK, J. (eds.), 1985. *Person, Self and Experience – Exploring Pacific Ethnopsychologies*. Berkeley: University of California Press.
- YOUNG, A., 1986. Internalising and externalising medical belief systems: an ethiopian example. In: *Concepts of Health, Illness and Disease – A Comparative Perspective* (C. Curren & M. Stacey, eds.), New York: Berg Publishers.